



## GÊNEROS E SEXUALIDADES EM REDES EXTENSIONISTAS: LINHAS DE ESTÓRIAS EM TOM MENOR NA COMPOSIÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO EM BIOLOGIA BOLSEIRA<sup>1</sup>

*Eixo Temático 09 – Corpos, gêneros e sexualidades no Ensino de Ciências e Biologia: brechas e outros possíveis contra-hegemônicos*

Sandro Prado Santos<sup>2</sup>  
Matheus Moura Martins<sup>3</sup>

### RESUMO

Neste texto, objetivamos, a partir da composição de um exercício reflexivo com a ‘Teoria da Bolsa da Ficção’, de Ursula K. Le Guin, revisitado, coletado, semeado e/ou recontado as histórias, de professores/as, reunidos em um curso de extensão em redes de conversações com gêneros e sexualidades na Educação em Ciências e Biologia, cartografando as estratégias e possibilidades de produções curriculares que visibilizem exercícios educacionais menores no encontro com gêneros e sexualidades. As histórias tecidas no referido projeto de extensão ajudaram a compor o que inventamos de uma Educação em Biologia bolsista, como uma aposta de experimentar e pensar, junto às linhas de histórias em tom menor, possibilidades de habitar, multiplicar rotas e relacionar-se com os territórios, de maneiras diferentes dos usos da regulação, controle e normatização que capturam e figuram o heroísmo dos gêneros e das sexualidades. Na bolsa cerçada com o projeto de extensão, guardamos línguas menores, lutas políticas dissidentes e narrativas não heroicas. Com a Educação em Biologia bolsista, podemos criar alargamentos imaginários que operam fora da relação do protagonismo heroico da branquitude, da cisheteronormatividade, do determinismo biológico, da semântica do dimorfismo sexual, ou seja, criar práticas de estar nos territórios, em coletivo, a partir de outras histórias que são coletadas, contadas e conectadas umas às outras, bem como ferramentas que nos ajudam a não esquecer quais histórias queremos continuar contando ou queremos inventar, formando pequenas redes coletivas – evocando a necessidade de (re)contar outras histórias com os gêneros e as sexualidades – não solitárias e reinantes como a cartografia única do herói. Consideramos que ainda há muitas sementes para serem coletadas e semeadas nos territórios e espaços para as histórias na bolsa da Educação em Biologia que tonalizam a feitura do manejo de linhas menores que vivem e cavam (caminhos) para uma nova terra.

**Palavras-chave:** Cartografia, Teoria da Bolsa da Ficção, Educação em Biologia menor, Territórios.

### INICIANDO COM UMA BOLSA NA MÃO...

<sup>1</sup> A escrita deste texto tem como base um recorte de uma pesquisa que tem se dedicado a cartografar os movimentos insurgidos nos territórios da Educação em Biologia, a partir do curso de extensão “*Redes de conversações com gêneros e sexualidades: aberturas, resistências, desafios e disputas no Ensino de Ciências e Biologia*” de formação docente continuada, especificamente na obra produzida nesse curso, denominada “*Gêneros e sexualidades em redes: conversas com/na Educação em Ciências e Biologia*” (Santos; Martins, 2022a).

<sup>2</sup> Doutorado em Educação, Universidade Federal de Uberlândia - UFU, [sandro.santos@ufu.br](mailto:sandro.santos@ufu.br);

<sup>3</sup> Mestre em Educação, Universidade Federal de Uberlândia - UFU, [martinsmatheusmoura6@gmail.com](mailto:martinsmatheusmoura6@gmail.com);



A partir da composição de um exercício reflexivo com a ‘Teoria da Bolsa da Ficção’ de Ursula K. Le Guin (2021), objetivamos com este texto, revisitar, coletar, semear e/ou recontar as histórias, de professores/as, reunidas em um curso de extensão em redes de conversações com gêneros e sexualidades na Educação em Ciências e Biologia.

O projeto e curso de extensão “Redes de conversações com gêneros e sexualidades: aberturas, resistências, desafios e disputas no ensino de Ciências e Biologia”<sup>4</sup> foi realizado remotamente nos meses de maio a dezembro do ano de 2022, para professores/as da rede pública estadual, federal e municipal de ensino, das cidades de Ituiutaba e Uberlândia (MG), bem como para os docentes do Instituto Federal Goiano (IFGoiano). Assim, a proposta foi um convite para a tessitura de redes de conversações nos territórios da Educação em Ciências e Biologia que acionassem exercícios educacionais menores no encontro com gêneros e sexualidades.

As histórias tecidas no projeto de extensão ajudaram a compor o que invencionamos de uma Educação em Biologia bolseira. Na bolsa cerzida com os a(linha)vos do projeto de extensão, guardamos línguas menores, lutas políticas dissidentes e narrativas não heroicas.

## **CARTOGRAFANDO LINHAS PARA A COMPOSIÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO EM BIOLOGIA BOLSEIRA**

A cartografia enquanto perspectiva metodológica implica um modo de desenhar, desenredar, traçar e acompanhar movimentos territoriais e composições de linhas de regulações, normatizações, bem como de rupturas e resistências em seus modos de operação. Assim, tecer e desenredar linhas de territórios é construir um mapa traçando movimentos territoriais de composições de linhas e possibilidades por elas inauguradas (Prado-Filho; Teti, 2013).

No campo da formação de professores/as, cartografamos a produção intitulada “Gêneros e sexualidades em redes: conversas com/na Educação em Ciências e Biologia” (Santos; Martins, 2022a), engendrada no curso de extensão, constituindo a demarcação do mapa desta cartografia investigativa a partir do acompanhamento de processos de composição das diferentes linhas traçadas ou seguidas.

Organizamos como primeiro movimento de pesquisa os nossos encontros com a produção destacada. Posteriormente, acompanhamos e registramos as linhas que se estendem ao referido projeto de extensão. As linhas traçadas e que constituíram o mapa foram registradas no diário de campo da cartografia como um pequeno inventário de linhas. A partir delas e

---

<sup>4</sup> Agradecimento pelo apoio da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Uberlândia (PROEXC/UFU) e do Programa Extensão Integração UFU/Comunidade (PEIC) - Edital PROEXC n. 95/2021.



juntamente à composição das proposições da ‘Teoria da Bolsa da Ficção’ de Ursula K. Le Guin (2021), operamos ‘bolseiramente’ com a produção de ‘fragmentos narrativos’, coletando estórias contadas e criadas por professores/as, experimentando, assim, cerzir uma bolsa com o projeto de extensão.

## **A TEORIA BOLSEIRA: CERZINDO POSSIBILIDADES DE COMPARTILHAMENTO DE EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS MENORES COM GÊNEROS E SEXUALIDADES**

Por mais que tenhamos sido convencidos e investidos, nos territórios da Educação em Biologia, a respeito das narrativas heroicas, herdeiras das promessas do dimorfismo sexual, da cartografia anatomofisiológica e dos binarismos de gênero, elaboradas e mantidas por uma *Educação em Biologia Maior*, não nos cabe mais a contemplação dessas histórias.

Ao longo da jornada do herói, sob o jugo das narrativas-arma (Le Guin, 2021), que hierarquiza e perpetua reproduções do regime normativo da diferença sexual e de gênero, muitas estórias já acabaram, foram esquecidas e assassinadas. Porém, o que temos apostado nos territórios é na criação de repertórios guerreiros com estórias em tom menor para continuarmos “coletando aveia selvagem [...] contando estórias” (Le Guin, 2021, p. 21); e, possivelmente, cerzindo e apostando no que temos experimentado com uma *educação em biologia menor*.

E, nesse caso, estamos a batalhar para continuar a (re)existir com múltiplas maneiras de comunicação e produção de outras presenças, estórias e possibilidades, para além de um modo de existência universal e heroico com os gêneros e as sexualidades. São batalhas que não têm por objetivo a guerra, “[...], mas o traçado de uma linha de fuga criadora, a composição de um espaço liso” (Deleuze; Guattari, 2012, p. 117-118) de deslocamentos e experimentações artísticas, “[...] muito mais que guerreira” (Deleuze, 2013, p. 48).

Em nossas andanças pelos territórios da Educação em Biologia, atuando na pesquisa em Educação, nas ações de extensão com a formação inicial e continuada de professores/as de Ciências e Biologia, assinalamos que há presença de praticantes do menor na produção de combate e possíveis maneiras de driblar o modelo único, de controle e captura do gênero e da sexualidade. Dessa maneira, é que continuamos sendo mobilizados e instigados pelo questionamento: quais são as possibilidades de compartilharmos experiências educativas menores, que tencionam usos de *Educação em Biologia Maior*?

Tal questionamento nos levou a recorrer às proposições da ‘Teoria da Bolsa da Ficção’ (Le Guin, 2021), que contrapõem a história do herói-arma-lança-flecha-conflito à estória das coletoras-recolhedoras. Ursula elabora o conceito da Bolsa de Ficção a partir do apontamento



de que “o primeiro aparato cultural foi provavelmente um recipiente [...] para guardar os produtos coletados [...]” (Le Guin, 2021, p. 19). Na tentativa de combate a um projeto heroico insensível a outras estórias, ela encoraja em nós esforços para construirmos uma abertura, através de uma prática bolseira. Por isso, é com urgência que ela insiste em nos provocar com a sugestão de “bolsas de transporte” (Le Guin, 2021).

Assim, o nosso encontro com um exercício reflexivo com a ‘Teoria da Bolsa da Ficção’ nos convocou a relações com uma bolsa espaçosa para coletar, semear, adentrar aos exercícios de uma *educação em biologia menor* não contados em uma bolsa e tecer diálogos e aprendizagens entre narrativas desprovidas de heroísmo. Acolhidos no interior das estórias da bolsa, parece-nos ser urgente nos aproximarmos de um modo de fazer bolseiro. Dessa forma e junto à composição de um curso de extensão, apostaremos, bolseiramente, em um modo que demanda “sair com uma sacola na mão” (Chieregati, 2021, p. 26).

## **LINHAS E ESTÓRIAS EM TOM MENOR DE UM CURSO DE EXTENSÃO CERZINDO UMA EDUCAÇÃO EM BIOLOGIA BOLSEIRA**

O referido curso de extensão insurge de nossos diálogos em redes formativas e em três frentes estratégicas de resistências. As duas primeiras são: a denúncia da hierarquização e perpetuação das reproduções do regime normativo da diferença sexual e de gênero; o combate às ameaças contra os gêneros e as sexualidades no campo da formação docente. A terceira, que compõe o objetivo deste texto, inspira-se nas contribuições da teoria bolseira (Le Guin, 2021).

A seguir, compartilhamos algumas estórias que foram contadas e semeadas por professores/as participantes do curso de extensão, ao nos colocarmos nos territórios da Educação em Biologia, bolseiramente, “[...] um gesto que recebe, recolhe e junta a energia para trazê-la com cuidado à casa, para ser guardada e compartilhada” (Chieregati, 2021, p. 29).

Uma professora nos trouxe uma cena intitulada “*e ainda dizem que a gente é mais evoluído, como pode?*” e produzida durante suas escutas de experiências em orientação de pesquisas acadêmicas em Educação Científica.

*“Ao falar sobre os moluscos, o professor mencionou que estes animais eram muito apreciados na gastronomia e que, especialmente em nossa cidade, havia um alto consumo de alguns deles, como por exemplo, as lulas e as ostras. Quando uma voz entusiasmada surge do meio da sala: “Professor, é verdade que as ostras podem mudar de sexo?” Instantaneamente, a turma reage à pergunta, alguns riem, a maioria manifesta certa expressão de curiosidade com a questão. O professor responde à questão levantada: “Então, sim. Há uma alternância, na verdade. Elas alternam entre ser machos e fêmeas a depender da estação, as ostras podem produzir espermatozoides ou óvulos.” Diante*

da confirmação dada pelo professor, o estudante que fez a pergunta reage: “Ah, é assim que elas mudam de sexo, que massa!”. Outra estudante retruca: “Então professor, quer dizer que nenhuma ostra é fêmea ou macho pra sempre?”. Uma outra estudante complementa: “Cara, eu tô chocada como para ostras é tão simples mudar de sexo e aqui os humanos complicam tanto. E ainda dizem que a gente é mais evoluído, como pode?” (Cardoso, 2022, p. 149-150).

Cerzindo com outra estória, vamos ao encontro das provocações de Paul Preciado na obra “Um apartamento em Urano: crônicas da travessia” (2020), pois os professores foram compondo histórias com as crônicas com o objetivo de provocar exercícios educacionais menores no encontro com os territórios da Educação em Biologia (Santos; Martins, 2022b).

*“[...] a única coisa que podemos afirmar acerca da reprodução do animal humano é que ela é meiótica: a maior parte das células de nosso corpo são diploides, ou seja, têm duas séries de 23 cromossomos cada uma. Entretanto, espermatozoides e óvulos são células haploides, ou seja, têm um único conjunto de 23 cromossomos. O processo de fertilização não supõe a diferença de sexo ou de gênero dos corpos implicados, mas antes a fusão do material genético de duas células haploides. Não há nada que torne o cromossomo de um heterossexual mais apto para a reprodução do que o de um homossexual, não importa se a inseminação ocorra através de um pênis ou de uma seringa, numa vagina ou numa placa de Petri. A reprodução sexual não necessita da união política ou sexual de um homem e uma mulher, ela não é hétero nem homo. A reprodução sexual é simples e maravilhosamente uma recombinação cromossômica. A única coisa que se pode afirmar do ponto de vista biológico é que nenhum corpo “humano” pode se reproduzir fora de agenciamentos sociais e políticos coletivos. A reprodução exige sempre uma coletivização do material genético de um corpo através de uma prática social mais ou menos regulada. Um espermatozoide nunca se encontra com um óvulo de forma “natural”. Os úteros não engravidam de forma espontânea, nem os espermatozoides viajam instintivamente pelas ruas em busca de óvulos (Preciado, 2020, p. 75-76).*

Comprendemos que o encontro com tais estórias nos trouxe possibilidades de afastamento e não envolvimento “[...] na estória do assassino [...]”, possivelmente, diminuindo os riscos de se “[...] acabar junto com ela” (Le Guin, 2021, p. 21). Consideramos que as estórias contadas podem cerzir uma bolsa espaçosa para coletar e semear “[...] palavras da outra estória, a estória não contada, a estória da vida” (Le Guin, 2021, p. 21).

Os/as professores/as estavam munidos/as de outros reportórios de estórias com os gêneros e as sexualidades nos territórios da Educação em Biologia, compondo e se conectando com elementos para além dos registros heroicos da dureza da lógica binária e da oposição da diferença sexual que esmagam e flecham outras experiências de gêneros e sexualidades.



Nesta perspectiva, as estórias estão conectadas com um projeto de mundo sensível às práticas de exercícios que multiplicam outros sentires de possibilidades com os gêneros e as sexualidades nos territórios da Educação em Biologia, habilitando-nos a cerzir espaços bolseiros pelos territórios na inscrição criativa de “[...] continuar a inventar, relembrar e contar as estórias das vidas e a criar estratégias para prestar atenção e aprender a ler os sinais que nos habilitem a imaginar [...]” outros mundos possíveis e mundos já desaparecidos (Chieregati, 2021, p. 35).

As estórias contadas são evidências de que ainda há muitas estórias a contar e sinalizam a possibilidade da bolsa e não da lança para a coleta e o compartilhamento de experiências educativas menores, para continuarmos manejando linhas menores e, com isso, praticarmos um fazer de uma Educação em Biologia Bolseira como uma frente estratégica de resistência com vistas à experimentação de outros possíveis com os gêneros e as sexualidades, sobretudo no contexto “[...] em que é urgente uma revisão e a criação de possibilidades de acesso a outras histórias que não a do Herói [...]” (Le Guin, 2021, p. 38).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS PARA EVITAR QUE NÃO HAJA MAIS ESTÓRIAS A CONTAR

A nossa aposta com o presente texto, aliançado com as estórias do referido curso de extensão, foi no investimento de que os exercícios de uma *educação em biologia menor* não contados necessitam de uma bolsa cerzida com manejos outros, de linhas menores que vivem e cavam outras presenças de estórias na/da Educação em Biologia.

As linhas que atravessaram as estórias contadas pelos/as professores/as são criadoras de possibilidades de pequenas redes de territorialidades, capazes de cerzir a bolsa-espço que alberga, coleta, semeia e fertiliza mundos outros com os gêneros e as sexualidades. Nesse sentido, podemos apostar que a tessitura das linhas que produz exercícios menores pode ser aquela “[...] de uma sacola, de uma bolsa” (Le Guin, 2021, p. 22), que nos acolhe e nos embarca em uma tarefa urgente de encontros e coletas das pequenas e belas estórias.

## REFERÊNCIAS

CARDOSO, Lívia de Rezende. Corpos em aliança na Educação. In: SANTOS, Sandro Prado; MARTINS, Matheus Moura (org.). **Gêneros e sexualidades em redes**: conversas com/na Educação em Ciências e Biologia. Uberlândia-MG: Culturatrix, 2022, p. 143-154.

CHIEREGATI, Luciana. Posfácio. In: LE GUIN, Ursula K. **A teoria da bolsa da ficção**. São Paulo: n-1, 2021, p. 25-38.



DELEUZE, Gilles. De o Anti-Édipo a Mil Platôs. In: DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 3ª edição, 2013, p. 11-52.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Tratado de nomadologia: a máquina de guerra. In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**. volume 5. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Editora 34, 2ª edição, 2012, p. 11-118.

LE GUIN, Ursula K. **A teoria da bolsa da ficção**. São Paulo: n-1, 2021.

PRADO-FILHO, Kleber.; TETI, Marcela Montalvão. A cartografia como método para as Ciências Humanas e Sociais. **Barbarói**, Santa Cruz do Sul, n. 38, p. 45-59, jan./jun. 2013.

PRECIADO, Paul Beatriz. **Um apartamento em Urano**: crônicas da travessia. Tradução de Eliana Aguiar. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

SANTOS, Sandro Prado; MARTINS, Matheus Moura (org.). **Gêneros e sexualidades em redes**: conversas com/na Educação em Ciências e Biologia. Uberlândia-MG: Culturatrix, 2022a.

SANTOS, Sandro Prado; MARTINS, Matheus Moura. Gêneros e sexualidades: por um devir menor da Educação em Biologia. In: SANTOS, Sandro Prado; MARTINS, Matheus Moura (org.). **Gêneros e sexualidades em redes**: conversas com/na Educação em Ciências e Biologia. Uberlândia-MG: Culturatrix, 2022b, p. 43-54.